

DOS CICLOS DA NATUREZA À RODA DE SAMSARA: a Geografia na raiz do Budismo

*FROM THE CYCLES OF NATURE TO THE SAMSARA WHELL:
Geography in the root of Buddhism*

Joachim Andrade^()
Rodrigo Wolff Apolloni^(**)*

RESUMO

O Budismo é uma religião que não reconhece a idéia de Deus. Mesmo assim, suas práticas são carregadas de profunda espiritualidade. A doutrina de Buda apresenta-se como um caldeirão da moral sem deus, concentrando somente no bem-estar da pessoa humana através da compreensão da existência humana e da meditação. A maior preocupação do Budismo é reconhecer que existe sofrimento no mundo, tentar descobrir sua causa e fazer todo o esforço para libertar-se dele. Para tal propósito, o único instrumento utilizado é o próprio Eu, pois não existe nenhum deus a agradecer, e nos momentos de crise nenhum deus é invocado. Tudo gira ao redor de si mesmo. Dessa forma, o Budismo representa, ainda, uma tradição metafísica da qual emana uma sabedoria aplicável há vários instantes da existência. A geografia do cenário de surgimento da religião parece ter contribuído imensamente para a construção da doutrina budista – este artigo pretende tratar desse aspecto.

PALAVRAS-CHAVE: Budismo. Iluminado. Terra fértil. Compaixão.

ABSTRACT

Buddhism is a religion which does not recognize the idea of God, in spite of that its practices are of profound spirituality. The doctrine of Buddha projects itself as vast content of moral without god, concentrating only on the well being of the human person through the comprehension of human existence and meditation. The greatest preoccupation of Buddhism is to recognize the existence of suffering, to discover its cause and do all the effort to liberate from it. For that purpose, the only instrument used is the person himself, as there is no god to give thanks. And

(*) Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. Nascido em Mangalore (Índia), é sacerdote da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. Graduado em História e Literatura Inglesa pela Universidade de Mysore e em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jnana Deepa Vidyapeeth, na Índia. Mestre em Antropologia Social (UFPR, 2003). Atualmente é professor na Faculdade Vicentina de Curitiba e na Faculdade Católica de Uberlândia. Também é coordenador provincial da Congregação do Verbo Divino da Província Sul. **E-mail:** joachimandrade@terra.com.br

(**)Rodrigo Wolff Apolloni é mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e doutorando em Sociologia pela UFPR. Praticante de arte marcial chinesa desde 1985, é professor de Kung-Fu, Tai-Chi-Chuan e Chi Kung em Curitiba. **E-mail:** rwapolloni@gmail.com

in the times of crisis no god is invoked. Everything turns around the person himself. In this way, Buddhism represents as a metaphysical tradition from which emanates the wisdom that could be applied to the various instances of existence. The geographical scenario of the origin of religion seems to have contributed immensely in elaborating the content of Buddhist doctrine – the theme on which article tries to deal with.

KEYWORDS: *Buddhism. Illuminated. Fertile land. Compassion.*

INTRODUÇÃO

Inicialmente, deve-se considerar que existem grandes religiões nas quais a idéia de deuses e espíritos está ausente ou desempenha apenas papel secundário e obscuro. É o caso do Budismo¹. O Budismo não se ocupa com elevadas especulações, mas sim com superar as agruras da vida. Apesar disso, carrega profunda espiritualidade; sua doutrina ultrapassa o campo da Filosofia e da Ciência ao afirmar que somente através da percepção direta da realidade empírica e do autoconhecimento o ser humano pode alcançar a natureza original inerente a todos os seres sensíveis, denominada “Natureza do Buda”.

O Budismo nasceu no século VI a.C. no norte do subcontinente indiano, como uma poderosa reação aos rituais e à estrutura social do Hinduísmo. Devido à sua forte ênfase na compaixão e tendência antropocêntrica, espalhou-se por toda a porção norte do subcontinente, principalmente entre as classes menos privilegiadas - que, no âmbito religioso, eram totalmente dependentes dos brâmanes. Devido à tendência inclusivista do Hinduísmo, porém, por certo tempo o Budismo foi considerado como uma das ramificações hinduístas e o próprio Buda foi visto como nono avatar² do deus Vishnu³. Graças, porém,

¹ Neste artigo não nos aproximamos das configurações devocionais do Budismo, associadas especialmente à religiosidade popular e a veículos como o Vajrayana, fortemente relacionado a personagens espirituais. Aqui, o enfoque está direcionado à doutrina budista primitiva, anterior, inclusive, às figuras do Arhat e do Bodhisattva.

² Etimologicamente, “avatar” significa “cruzar”. Segundo a tradição hindu, quando aumenta a desordem (ou adharma) o próprio Deus vem à Terra – materializado como animal, ser humano ou semi-humano – para restabelecer a ordem (ou dharma). Os hindus acreditam que o deus Vishnu - segunda pessoa da Tríade hindu – possui nove avatares, dos quais o nono seria Buda.

³ O budismo brotou certamente de um ethos religioso índico dominado pelo bramanismo, nunca tem considerado os Vedas, Brahmanas e Upanishads como suas próprias Escrituras. É verdade, porém, que muitos hindus pensam que o budismo é nada mais que um movimento de reforma dentro do próprio hinduismo. Os budistas consideram sua religião enfaticamente como um corte total com o hinduismo e como uma rejeição, antes que uma acatização crítica das Escrituras hindus. (PIERIS, p.163).

ao rei Ashoka⁴ - que se converteu ao Budismo e o tornou religião de Estado -, os dois credos se distanciaram e estabeleceram identidades próprias. Ashoka, aliás, foi um dos grandes difusores do Budismo, tendo, ao longo de seus quarenta anos de reinado, enviado missionários budistas para as regiões dos atuais Sri Lanka, Indonésia, Egito e Macedônia. Nos séculos I e II d.C. o Budismo foi levado ao Tibete, Mongólia, China, Coréia e Japão. Atualmente, é uma das grandes religiões mundiais, com adeptos – ligados ou não a migrações diásporas - também na Europa, América e Oceania.

Neste artigo, pretendemos elaborar a influência da geografia na construção do conteúdo religioso do Budismo. Existem inúmeras obras publicadas sobre o conteúdo religioso budista. No Brasil, encontramos um considerável número de publicações científicas sobre o Budismo do professor Frank Usarski. Podemos considerá-lo como referência na atualidade no campo do Budismo devido a sua experiência vivencial com os monges no Tibet e estudos pessoais sobre o tema⁵. Além disso, encontramos teses apresentadas nos ambientes universitários sobre alguns temas específicos do Budismo. Nosso interesse, nesta abordagem, é descobrir os motivos reais que levaram Sidharta Gautama a deixar sua vida de luxo no palácio para assumir uma vida de renunciante e tornar-se o Buda, o iluminado. Para tal proposta, em um primeiro momento, faremos uma viagem panorâmica pela região onde nasceu o Budismo; em seguida, apresentaremos alguns elementos doutrinários que foram possivelmente elaborados devido à influência do *locus* geográfico. Por fim, vamos concluir a nossa abordagem apresentando alguns elementos importantes para nossa vivência na atualidade.

1 PONTO DE PARTIDA DA DOCTRINA

Iniciamos a nossa viagem pelo universo geográfico budista apresentando o último sermão de Buda, proferido aos seus discípulos horas antes de sua serena morte, no bosque de Kusinagar. Nesse lugar, sua longa trajetória de quarenta anos de pregação no vale fértil e na bacia do rio Ganges chegou ao

⁴ Ashoka, Ashok ou “Ashoka, o Grande” (304 – 232 a.C.) é considerado um dos maiores líderes políticos e militares da civilização indiana. Imperador da Dinastia Maurya, converteu-se ao Budismo e se tornou um dos principais difusores da religião.

⁵ Frank Usarski é vice-coordenador do Programa de Ciências da Religião da PUC – SP. Sou grato a ele pela excelente e exigente orientação que me possibilitou concluir o doutorado na mesma universidade. Agradeço a ele também pelas observações, críticas e orientações em algumas de minhas publicações científicas.

fim. Esse sermão apresenta os principais preceitos da doutrina, que fornecem a pista principal acerca da contribuição da geografia para a construção do conteúdo ético, filosófico e religioso budista.

Ó monges, vós permaneceis na prática dos Preceitos. Por isso, deveis disciplinar vossos cinco sentidos, jamais permitindo o surgimento dos cinco desejos (desejo de se alimentar; de dormir; desejo sexual, desejo de obter fortuna e desejo de conseguir honrarias e fama). [...] Abandonar os cinco sentidos ao sabor de seus caprichos é como deixar um cavalo indômito sem rédeas. Tal cavalo arrasta as pessoas e as derruba dentro de buracos. O prejuízo causado por um cavalo indômito atinge apenas o presente, mas o causado pelos sentidos atinge inclusive o futuro. Por isso, deveis evitá-lo. O sábio vigia seus cinco sentidos como o ladrão: jamais se descuida deles. Mesmo que se descuide por um instante, logo readquire o controle. A mente é senhora dos cinco sentidos. Por isso, deveis disciplinar vossa mente. A mente é mais perigosa que uma cobra venenosa, uma fera ou um salteador. É como uma pessoa que, entretida com o mel que transporta em suas mãos, não enxerga um buraco e cai nele. Se deixardes vossa mente entregue a si mesma, perdereis as boas coisas. Se a vigiardes, tudo correrá bem. Por isso, ó monges, deveis vos esforçar e dominar a vossa mente. (SIMÕES, G. José 1985: 14).

O conteúdo religioso desse sermão fornece o cuidado e o distanciamento que o ser humano deve adquirir em relação a dois universos: o interno, impressionável a partir dos cinco sentidos, e o externo, da natureza da terra fértil. A bela natureza, que se apresenta em formas variadas, desvia os objetivos principais da mente e elabora os desejos que, por sua vez, causam o sofrimento.

2 UM OLHAR PANORÂMICO DA REGIÃO

Um olhar sobre a região por onde Buda andou antes e depois de sua iluminação fornece diversas pistas sobre a cosmologia budista. Podemos situar esse “núcleo catequético inicial” em um raio de 400 quilômetros ao redor de Bodhgaya (localidade situada no atual Estado indiano de Bihar), abrangendo os sítios de Gaya, Pataliputra, Varanasi, Saranath, Magadha, Vaishali, Sravasti, Rajgiri e Nalanda. Ainda existentes, tais localidades são mencionadas na literatura budista; são cenários de florescimento do Budismo nos primeiros anos da religião e em seus três primeiros séculos de existência. Os mapas abaixo indicam o florescimento do Budismo na bacia do rio Ganges e em toda Ásia (Mapa 01, esquerda); e a bacia do rio Ganges e as cidades importantes na época do Buda (Mapa 02, direita)⁶.

⁶ Imagens extraídas de e do Portal Google Maps (<http://maps.google.com.br/>) (c. 03.11.10).



Mapas 1 e 2 - Difusão do Budismo: na Ásia e em sua face inicial.

Viajando de trem ou automóvel entre julho e outubro pela região de origem do Budismo, percebemos que ela oferece uma paisagem cheia de vida, em que predominam arrozais, canaviais e campos de outras culturas agrícolas. Lá também estão enormes mangueiras e frondosas árvores medicinais conhecidas como Neem (*Azadirachta indica*, árvore da família do mogno). Nos sítios que abrigam cidades, são duas as percepções: por um lado, a de uma venerável antiguidade, visível nas ruínas, antigas estradas e construções datadas de mais de vinte séculos; por outro, elementos da modernidade, como bicicletas, automóveis e reclames publicitários (Fig. 1)⁷. A antiga cidade de Gaya, primeiro local onde Buda encontrou uma forte resistência em sua pregação, possui muitos templos hindus e ainda preserva uma cultura muito mais antiga que a modernidade.

A aldeia de Bodhgaya, também conhecida como Uruvela, se encontra a cerca de 16 quilômetros de Gaya. O caminho, sinuoso, é de paisagens deslumbrantes. Os outeiros que compartilham o cenário com planícies, assim como as enormes árvores e o próprio silêncio de uma região distante do agitado cenário metropolitano, oferecem ao viajante a sensação de calma e recolhimento. A região, vale observar, foi explorada economicamente desde a Antiguidade; ainda assim, preserva uma importante floresta por onde corre o rio Palguni - junto a ele, aliás, sob uma figueira indiana, é que Sidharta Gautama se tornou Buda, literalmente, “o Iluminado”⁸.

⁷ Fig. 01: bicicletas e ícones budistas em Bodhgaya. Foto de Rodrigo Wolff Apolloni (2001), extraída de http://www.orientalarchitecture.com/india/bodhgaya/mahabodhibodhgaya_gallery.php?p=mahabodhi-bodhgaya15.jpg (c. 16.11.10)

⁸ Segundo a tradição, a figueira original que abrigou Sidharta Gautama foi cortada por oponentes hindus do Budismo. Uma muda levada à região do atual Sri Lanka, porém, forneceu o material genético necessário ao replantio da árvore. O atual complexo budista de Bodhgaya, com efeito,

Uma viagem no inverno - estação em que o volume pluviométrico é reduzido - fornece outra face da região, adormecida, seca e, em seus tons sépia, de certa forma triste. Somente algumas árvores enormes traem a permanência e continuidade de vida. Essa oscilação geográfica da natureza parece ter elementos bastante acentuados na elaboração da doutrina budista.

Por meio da historiografia é possível perceber que desde ao século VIII a.C. até hoje a bacia do rio Ganges era foco de intensa movimentação política e religiosa. Atualmente, a região mais populosa da Índia se estende desde a capital (Nova Delhi), no norte, até Kolkota (Calcutá), no Leste, onde o rio Ganges tem sua foz na Baía de Bengala. Ao norte e em paralelo ao Ganges flui o rio Brahmaputra (“filha de Brahma”), que também ingressa na baía de Bengala em Bangladesh. A porção mediterrânea Ganges-Brahmaputra foi de intensa atividade política ao longo dos últimos dois mil anos. Grandes cidades, como Indraprasta (Delhi), Magadha, Pataliputra (Patna), que serviram como capitais reais, ainda preservam resquícios dos tempos antigos. Nessa região, o clã dos Shakyas teve seu domínio com o rei Shudhodhana, pai do Sidharta Gautama, que se tornou o fundador do Budismo.

Com base nas informações acerca da geografia de Bodhgaya e de sua região circundante, podemos concluir que o Budismo surgiu em uma área caracterizada pela presença de rios, pela fertilidade do solo e por duas estações (seca e úmida) bem marcadas. Como observa Pieris,

[...] o aumento da população, crescimento do comércio, surgimento de reinos rivais que provocaram violência e guerras, e, acima de tudo, a difusão de cidades com problemas imprevistos, por exemplo, epidemias. Essas mudanças trouxeram uma maciça inquietude espiritual que pediu, e gradualmente gerou uma drástica mudança de paradigma. (PIERIS, 2010: 64).

Todos esses fatores políticos e sociais imprimiram traços significativos sobre a vida de Sidharta Gautama e, certamente, contribuíram de forma determinante para a revolução espiritual que ele iniciaria.

3 CONTEXTOS DE SURGIMENTO DO BUDISMO

O nascimento do Budismo, como ocorre com a maioria das tradições religiosas, ocorreu em virtude da sobreposição de fatores históricos e da tra-

conta com uma figueira (que seria descendente da primeira árvore) e também com uma série de templos e estupas construídos desde o tempo de Ashoka.

jetória pessoal de seu fundador. Em nosso caso, dois elementos podem ser identificados como essenciais: o primeiro é externo, vinculado ao contexto histórico religioso da Índia; o segundo é interno, ligado à experiência pessoal e familiar do próprio Buda.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO-RELIGIOSO INDIANO

O Budismo surgiu no interior do subcontinente indiano, especificamente na região do atual Estado de Bihar, na Índia, em meados de século VI a.C., quando a antiga ordem institucional-religiosa estava sendo desafiada por novas correntes de pensamento, dentre as quais as do Jainismo⁹ e as do Budismo viriam a ser as mais representativas. A ancestral ordem védica foi estabelecida por invasores arianos provenientes da Ásia central, que ocuparam a porção fértil da bacia do rio Indo por volta do segundo milênio antes de Cristo. Ao longo dos séculos, esses imigrantes perderam suas raízes nômades – ligadas, essencialmente, à criação de gado - e assumiram as tendências à agricultura como base de sustentação. Essa mudança se deveu ao contato com povos que já habitavam a região (e seus conhecimentos) e também às condições locais, especialmente favoráveis à agricultura. Em meados do sexto século a.C., essas tribos tinham-se estabelecido gradualmente em cidades em que se promovia uma religiosidade cósmica - sua experiência espiritual se caracterizava por uma qualidade sagrada deste mundo e do outro.

É importante salientar o universo religioso hindu e suas práticas rituais que forneceram espaço ao nascimento do Budismo. O universo religioso hindu se reflete em suas primeiras escrituras, que, por sua vez - algo que vemos nos Vedas - refletem uma religiosidade cósmica. Sua principal característica era a centralidade da casa, do lar: o espaço sagrado onde tanto o casamento como o sacrifício se tornaram o foco cúltilo da organização sócio-cultural e política econômica. Toda a criação teve princípio no sacrifício primordial de Prajapati, assim, o casamento se tornou o supremo ritual sacrificial que perpetua a criação

⁹ Jainismo é uma religião indiana fundada por Vardhamana Mahaveera, contemporâneo de Buda . Ela se desenvolveu na bacia do rio Ganges e, atualmente, possui devotos em várias partes da Índia. Apesar de enfatizar as práticas da não-violência e da abstinência e crer na reencarnação, a religião não encontrou terreno fértil ao seu crescimento em termos de adeptos. Etimologicamente, Jainismo vem de “*jina*” ou “*jaina*”, que significa “o ser que conquistou o conhecimento espiritual”. O Jainismo prega a busca da libertação individual, promovendo um asceticismo rígido e pouco acessível à maioria das pessoas. Para o Jainismo, o asceticismo é o único caminho para se libertar do mundo. A religião não afirma a existência de Deus ou de divindades e, portanto, não enfatiza os rituais.

através da procriação. Nessa cosmovisão, portanto, imortalidade é a continuação física do pai em sua descendência. (PIERIS, 2010, p. 64).

Essa cosmovisão tem muitas implicações. Em primeiro lugar, a imortalidade é cósmica, pois implica a continuidade pessoal aqui na Terra, através da própria descendência. O ato de procriação é, pois, considerado como o rito sacrificial (karma) que gera a imortalidade cósmica. Como afirma Aloysius Pieris:

o que morre, por assim dizer, é o indivíduo, mas o que renasce perpetua a casa, a família, e a sociedade. Estes três elementos, a saber, a casa, a família e a sociedade, constituem uma estrutura social bem tecida, mantida através de um código de obrigações de casta. O indivíduo desfalece para dentro da coletividade grupal. (PIERIS, 2010, p. 64)

As Upanishads, escrituras hindus posteriores, revelam um novo paradigma que, por volta do século VI a.C., surgiu como desafio à cosmovisão védica, provavelmente sob a influência de uma elite urbana. As Upanishads apresentam uma visão mais antropocêntrica, na qual a preocupação com o divino distante perde importância. Essa visão promoveu certas tendências espirituais na sociedade, que parecem ter influenciado tremendamente o surgimento do Budismo. A seguir, apresentaremos três fatores externos que possivelmente influenciaram o surgimento do Budismo.

3.1.1 A floresta como lugar da libertação

A visão antropocêntrica deu origem a diversas correntes religiosas que começaram a revolucionar o pensamento nas cidades. Como as cidades de hoje, as antigas cidades também não conseguiram manter uma dimensão espiritual “tradicional” em virtude do tumulto resultante de fatores políticos, econômicos e de contato social. Esses novos movimentos espirituais – que floresceram, especialmente, entre a elite urbana - consideravam a floresta (aranja), o pólo oposto da cidade (nagara) e o lugar de libertação, no qual ainda prevalecia a antiga ordem védica. Muitos habitantes das cidades fugiram para a floresta à procura da libertação deste mundo, que é a imortalidade metacósmica, situada além deste mundo.

3.1.2 Indivíduo X Coletivo

O antropocentrismo garantia a individualidade pessoal face à opressiva coletividade. Renunciando ao sistema social ligado à casta e mudando-se para a floresta, homens e mulheres podiam se tornar indivíduos livres. Mesmo o

renascimento era uma peregrinação individual pelo mundo, e não tanto a continuidade biológica do homem em sua descendência. Paradoxalmente, contudo, o fundamento da imortalidade era concebido como a perda da existência ilusória construída a partir da ignorância, no Absoluto Real que é Brahman.

3.1.3 Mudança na compreensão do Renascimento

A ida para a floresta – ao mesmo tempo, libertação e exílio - simbolicamente remetia à dimensão do ingresso no estado de imortalidade, ou seja, a superação dos renascimentos na Terra. Pois esse universo criado – no qual o renascimento costumava ser o fruto desejado do karma védico (o ato marital) – agora é temido e compreendido como samsara, o infeliz ciclo de nascimentos, mortes e renascimentos. Assim nasce, como afirma, Aloysius Pieris,

[...] a maior diferença em relação ao antigo sistema: o casamento, que se acreditava gerar imortalidade (da linhagem) dá agora lugar ao celibato como a garantia do estado de imortalidade. Falando em termos jocosos, o “Abaixo do umbigo, a imortalidade” dá agora lugar ao “Acima do umbigo, a imortalidade”. Assim foi lançada a semente do monasticismo asiático, em um solo que desde então nunca mais perdeu sua fertilidade (PIERIS, 2010, p. 65).

Observa-se a mudança de sentido na noção de karma, o ato ritual que perpassava a espiritualidade cósmica do universo védico. A continuidade neste mundo, que dependia desse ato ritual, passava a receber uma nova abordagem em um novo contexto, pois o karma se tornou o ato moral em vez de ritual que determina se alguém haveria de renascer ou não. O que garantiria a libertação, em última análise, era o conhecimento salvífico da verdade libertadora, o caminho da gnose (jnana-marga) que leva à imortalidade - algo que, com pequenas modificações, tornou-se o fundamento da doutrina budista. Em síntese: as mudanças sofridas pelo próprio Hinduísmo refluíram para a nova doutrina.

3.2 CONTEXTO PESSOAL-FAMILIAR DO BUDA

O contexto familiar do Buda parece oferecer outros elementos que podem ter influenciado a construção da doutrina budista. Pouco se conhece sobre o clã dos Shakyas. Em primeiro lugar, o pai de Sidharta, Suddhodana, era um rei guerreiro cheio de obsessão pela vitória. A sabedoria de Buda, de manter as divindades distantes e confiar nas suas habilidades e capacidades pessoais, parece encontrar suas raízes na atitude pragmática do próprio pai. Deepak Chopra oferece algumas pistas concretas para tal atitude, ao afirmar que “a primeira coisa

que devemos ter em mente a seu (Suddhodana) respeito é esta: ele se considerava um deus. Junto com seu exército, o rei se ajoelhava no templo e rezava antes de ir para a guerra, mas não confiava no auxílio divino” (CHOPRA, 2007, p. 9).

Apesar de ser hindu, Suddhodana possuía tendências ateístas, algo que se encaixava perfeitamente dentro de uma das escolas tradicionais indianas, a dos charvakas¹⁰. Por outro lado, sua esposa, Mayadevi, estava quase convencida da própria esterilidade, e chorava dia e noite diante do que considerava ser uma maldição sobre a casa real. Certa noite, porém, teve um sonho no qual percebeu em seu quarto uma criatura cujo olhar chamou-lhe a atenção. Dos olhos emanava um clarão que assumiu a forma de um enorme elefante, tão branco quanto à neve. O animal, por sua vez, olhava para ela com olhar amável e inteligente. Ele então ergueu a tromba e penetrou seu ventre pelo lado direito. A experiência do sonho a impactou fortemente, e Mayadevi disse ao marido: “Não me ame como um rei. Faça amor como se fosse um deus. O efeito foi tremendo. Ele a seguiu ardentemente e ela viu um brilho maravilhado em seus olhos. [...] naquela noite ele sentia um pouco da crença inabalável que havia sido despertada dentro dela”. (CHOPRA, 2007: 17).

Em meio a dois desejos intensos - de vitórias nos campos de batalha e da própria maternidade - nasceria o filho mais desejado do casal, Sidharta, “aquele que cumpriu todos os desejos”. É surpreendente observar que, mais tarde, esse mesmo personagem viria a indicar o desejo como causa principal de todo o sofrimento, e que somente a partir de sua extinção é possível chegar à iluminação.

4 A VIDA DE SIDHARTA GAUTAMA

Segundo a tradição budista, Sidharta Gautama nasceu apresentando sinais extraordinários. Logo após seu nascimento, o príncipe caminhou sete passos, que deixaram marcas de lótus no chão. Em seguida, Asita, um eremita centenário, foi requisitado para predizer-lhe o futuro. Ele teria profetizado que o menino tornar-se-ia um chakravartin (“movedor de roda”), um grande imperador, caso se mantivesse leigo; ou alcançaria a iluminação e tornar-se-ia um sanyasin (“renunciante”), se fosse ordenado monge. Com o intuito de impedir que o Sidhartha nutrisse esta última, Suddhodana construiu três magníficos

¹⁰ Charvaka é uma tradicional escola filosófica hindu que enfatiza o materialismo ateu. Entre todas as escolas do pensamento hindu, é a que representa o ateísmo.

palácios para o filho, um para cada estação do ano na Índia (monções, inverno, verão), e deixou-o viver em uma atmosfera de felicidade e luxo. O objetivo era dotá-lo de gosto pelo mundo material e pelos prazeres aí existentes, mantendo-o, ao mesmo tempo, distante de todos os tipos de sofrimento. Sidharta Gautama casou-se aos 16 anos com sua bela prima Yashodhara e teve um filho, Rahula.

Suddhodana cuidava de colocar somente pessoas jovens e saudáveis como serviçais nos palácios do príncipe. Também havia a prática de trazer regularmente para a corte moças adolescentes do campo, para trabalhar como criadas. O rei constantemente renovava os rostos que cercavam o príncipe, que podia escolher as concubinas que desejasse. À medida que envelheciam, os funcionários dos palácios eram levados a uma vila construída no meio da floresta, de onde nunca mais poderiam sair. Ao mesmo tempo, não eram mais percebidos pelo príncipe, que, assim, não percebia a decrepitude ligada à existência dos seres vivos.

Um elemento notável no cânone budista é a quase ausência de referências, nas narrativas a respeito da vida do Buda histórico, sobre sua paixão por uma moça chamada Sujata:

Ele (Sidharta) viu uma das criadas mais jovens tentando encobrir seu riso tossindo e abanando a mão na frente do rosto, como se estivesse engasgada. [...] Sidharta evidentemente se encantara com a beleza da moça. Seus olhos ficaram maiores, e ele inconscientemente assumiu uma postura mais ereta, como um pavão se exibindo diante da fêmea (CHOPRA, 2007: 72).

Percebendo essa paixão, Devadatta, o invejoso primo do príncipe, violentou, assassinou e abandonou o corpo de Sujata fora dos limites dos palácios reais. Ao perceber sua ausência, o príncipe, acompanhado por seu servo, Channa, teria saído em busca da jovem – essa, aliás, teria sido sua primeira jornada “extra-muros”. Nessa excursão, acabou por encontrar a vila construída por seu pai para abrigar os funcionários idosos. Lá, ouviu queixas e, principalmente, ficou fortemente impressionado com a condição humana. O contexto é resumido por Hans Kung:

Inevitavelmente todo homem envelhece. Todo homem adocece. Todo homem vai morrer. Velhice, doença, morte: três símbolos do efêmero e do transitório. É nisto que consiste o problema básico de toda existência humana: nada na vida é estável. Todas as coisas sempre dependem de outras. Tudo muda, tudo perece. Em última análise, tudo é sofrido, tudo está associado ao sofrimento. (KUNG, 2004: 150)

Totalmente desiludido, Sidharta tentou sair pela segunda vez do palácio

e, nessa jornada, encontrou “um monge mendicante, de uma magreza espartosa, vestido com farrapos e apenas com tigela de esmolos na mão. No entanto, possuía o olhar sereno de um vencedor. Era um monge asceta, um homem que vencera a dor, a morte, e a angústia, em busca do Atman (o Eu)” (SIMÕES, 1985, p. 22). Nessa surpreendente figura Sidharta percebeu existir uma saída para o sofrimento humano. A partir de então, seguiu o caminho do asceticismo da antiga tradição hindu. Sem encontrar respostas, procurou seu caminho sozinho e, segundo a tradição, aos 42 anos de idade alcançou o status de Buda (“o iluminado”) à sombra de uma figueira na região de Uruvela ou Bodhi Ggaya. Desde então, iniciou uma extensa peregrinação, encerrada quando, aos oitenta anos, faleceu na localidade de Saranath, perto de Varanasi (Benares).

4 A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA DOCTRINA BUDISTA

A elaboração da doutrina budista surgiu da experiência pessoal de Sidharta Gautama, que se tornou a base de todos os ensinamentos budistas. São quatro as Nobres Verdades, como ilustra Bowker:

[...] primeiro, toda a existência é dukkha, ou seja, insatisfatória e cheia de sofrimento, segundo, o dukkha deriva do tanha, o desejo ou apego, que significa o esforço constante de encontrar algo permanente e estável no mundo transitório; terceiro, o dukkha pode cessar totalmente, e, isso é o nirvana; quarto, tudo pode ser alcançando pelo Caminho Óctuplo. (BOWKER, 1997, p. 54)

Esse caminho pode ser enquadrado em três grupos: “reto conhecimento e reta intenção: saber (*panna*); reto falar, reto agir e reto viver: moralidade, ética (*síla*); reto esforço, reta atenção (*sati*) e reta concentração (*samadhy*)” (KUNG, 2004, p.154). Ao estudar essas quatro verdades, observamos a questão do conceito de dukkha, de que a felicidade e infelicidade são inseparáveis na existência cíclica - e são a causa do sofrimento humano. (SAMTEN, 2010, p. 8).

4.1 A RODA DA VIDA

Entre todos os conceitos doutrinários e éticos, o da “Roda da Vida” remonta a um dos ensinamentos básicos do Budismo: as Quatro Nobres Verdades. A Roda remete ao universo cíclico agrícola, com que estamos familiarizados. No universo da terra fértil tudo é circular, pois as estações condicionam a vida social e espiritual. O período de monções, por exemplo, traz a possi-

bilidade de farta produção agrícola, que, por sua vez, determina celebrações sociais e religiosas como casamentos, ritos de iniciação e festivais. O período invernal, traz introspecção e recolhimento espiritual, com equivalente redução das celebrações; já o verão, apesar de torrencialmente quente, traz a esperança das chuvas e, assim, muita alegria na vida cotidiana. Essa vida cotidiana, simbolicamente apresentada na Roda da Vida (também conhecida como a Roda da Existência, Roda do Devir e do Vir-a-Ser), foi criada pela extinta escola Sarvastivada, precursora do Budismo Mahayana.

Tal roda, evidentemente, não aparece no ambiente desértico, cuja configuração climática é insuficiente para evocar a imagem do ciclo. Os desertos, evidentemente, possuem seus próprios ciclos, que, no entanto, não são percebidos pelo homem comum confrontado com uma eterna e abrasadora condição de *secura*. Dois universos permanentes, aliás, determinam a crença religiosa no ambiente desértico. São eles a infinitude do céu e a infinitude da areia. Enquanto as religiões originárias do deserto deram ênfase mais à imensidão absoluta e “oceânica” do céu azul, o Budismo aproveitou o universo natural da terra fértil para construir seus símbolos e seu universo doutrinário. Dentro desse quadro observamos que a experiência fenomênica da natureza é apresentada na Roda da Vida, que, por sua vez, recebeu novas explicações e novos conceitos existenciais mais precisos aplicados à busca espiritual. Entre esses conceitos podemos identificar dois: o da Impermanência (*Anicha*); e o do Desejo ou Sofrimento (*dukkha*) – ambos são fortemente influenciados pela geografia.

4.1.1 Impermanência (*Anicha*)

O conceito budista de impermanência guarda relação com a percepção humana acerca das coisas do mundo, que estão em permanente mudança. Não só o mundo material, aliás, muda constantemente; da mesma forma, nossas representações a seu respeito são constantemente desconstruídas e reconstruídas. A partir da observação fenomenológica, o Buda havia alertado para o fato de que a impermanência é o elemento fundamental de todos os fenômenos, inclusive de tudo o que poderíamos chamar de “Eu” - o corpo, a mente, as sensações, as percepções e os sentimentos. Se a existência fosse um estado permanente, não seria vida. Essa incessante mudança é percebida mais distintamente em nosso próprio curso de vida. Nascimento, envelhecimento, adoecimento e morte são suas fases.

O conceito da impermanência introduzido por Buda como elemento-

-chave na elaboração da doutrina budista parece ter forte influência geográfica. Como observamos anteriormente, a impermanência não é algo visto como notável em regiões marcadas por estações que se sucedem. Observamos a forte influência da natureza do Estado de Bihar, onde as mudanças climáticas extremas – o frio, o calor e as chuvas – fazem parte da vida cotidiana do povo. Essa mesma realidade existia na época do Buda – ela levou o rei Sudhodana a construir três palácios (de outono, inverno e verão) para seu filho, dentro de uma fazenda de 108 alqueires. No deserto, as eventuais oscilações – de umas poucas nuvens, das dunas de areia – são insuficientes para evocar o ciclo.

4.1.2 Dukkha

O segundo conceito é dukkha, para o qual não existe um termo correspondente nas línguas do Ocidente. No Oriente, especificamente na visão budista, dukkha se refere simultaneamente tanto à alegria quanto ao sofrimento. Conforme Lama Padma Samten,

[...] dukkha pode ser explicado de forma simples a partir do fato de que, quando temos alegrias, elas constituem-se em sementes do sofrimento. Essa é uma experiência cíclica – é como uma roda girando entre as polaridades de estar bem e estar mal. Gostaríamos de encontrar o freio quando estamos na região de felicidade e gostaríamos de acelerar quando estamos infelizes. (SAMTEN, 2008, p. 26).

No nível sutil, no universo dos sentimentos também fazemos a experiência das transformações. O Budismo afirma que o ser humano possui seis sentidos, dos quais o último é a mente, que predomina sobre toda a nossa ação. Enquanto o ser humano entra em contato com o mundo externo a partir dos cinco sentidos, o sexto o conduz a agir ou reagir conforme a experiência sensorial do contato com o mundo externo. Se o contato com o objeto externo trazer uma sensação agradável, a reação será o desejo de nela permanecer. Se trazer desconforto, a reação será de escapar. A sensação agradável cria o apego, a desagradável cria aversão.

Em termos genéricos, dukkha é traduzido às línguas ocidentais como “desejo”. O segredo da influência geográfica nesse conceito encontra-se na experiência humana construída a partir das relações. A visão seria o sentido principal na elaboração do desejo; nesse processo, ela se apoia nos outros sentidos. A introdução de dukkha na busca espiritual budista se deve à experiência de luxuoso confinamento de Sidharta Gautama, aos prazeres e alegrias do contato com a beleza de belas paisagens, mulheres jovens e riquezas. Como afirma

Lama Samten:

Cada pequeno objeto, cada pedrinha da paisagem, tem uma correspondência interna em nós na forma de energias que percorrem nosso corpo e nervos. A isso chamamos "ventos internos". Nosso apego não é às coisas, mas aos ventos internos que elas provocam. Os ventos internos são a experiência íntima dos objetos e também dos seres. Essa dependência e apego são a base de dukkha. (SAMTEN, 2008: 27)

Impermanência e dukkha, *com efeito*, se encontram interligados, pois na natureza nada é permanente. Ao mesmo tempo em que vivencia o eterno processo de transformações, o ser humano tenta estabelecer vínculos com a móvel realidade circundante – assim nascem o desejo e o sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma análise da influência da geografia na construção da doutrina budista, podemos concluir que o Budismo se preocupa com o desenvolvimento espiritual do ser humano em três dimensões, que são percebidas em três espacialidades, como afirma Gil Filho:

I - a espacialidade dos desejos, considerada inferior, em que o homem está preso às coisas relativas a este mundo material; II - a espacialidade das formas, na qual o homem se liberta dos desejos, mas ainda está seguro pelos nomes e formas; e III - a espacialidade da não-forma, em que o homem se defende deste mundo das coisas e das formas e se encontra liberto das contingências mundanas, atingindo a iluminação (GIL FILHO, 2009, p. 104).

Em virtude de seu foco na superação do sofrimento, o Budismo desenvolveu e cultivou a centralidade do princípio de respeito, tolerância e gentileza para com todas as criaturas do mundo. Essa mesma atitude representou um elemento crucial na dispersão do Budismo como religião de viés universal, capaz, inclusive, de superar seus primitivos limites geográficos.

REFERÊNCIAS

BOWKER, John. *Para Entender as religiões: as grandes religiões mundiais explicadas por meio de uma combinação perfeita de texto e imagens*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

BODHGAYA E ARREDORES (MAPA), imagem disponível em Portal Google Maps (<http://maps.google.com.br/>) (c. 03.11.10).

BODHGAYA, imagens em <http://www.orientalarchitecture.com/india/bodhgaya/> (c.

03.11.10).

CHOPRA, Deepak. *Buda: A história de um iluminado*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2007.

DIFUSÃO DO BUDISMO NA ÁSIA (MAPA), imagem disponível em http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=60. Acesso em 03/11/2010)

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Paisagem Religiosa. In: JUNQUEIRA, Sérgio (org.). *O Sagrado: fundamentos e conteúdo do ensino religioso*. Curitiba: Editora EBPEX, 2009.

KUNG Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas: Verus Editora, 2004.

PIERIS, Aloysius. *Viver e Arriscar: Estudos interreligiosos comparativos a partir de uma perspectiva asiática*. São Paulo: Nhanduti Editora, 2008,

SAMTEN, Padma. *A Roda da vida: como caminho para a lucidez*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2010.

SAMTEN, Padma. *Meditando a Vida*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2008.

SIMÕES, G. JOSÉ. *O Pensamento Vivo de Buda*. São Paulo: Martin Claret, 1985.

http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=60[http://en.wikipedia.org/wiki/Khanda_\(religious_symbol\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Khanda_(religious_symbol))

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

RENARD, John. *Responses to 101 Questions on Buddhism*. Better Yourself Books, Bandra, Mumbai, 2001.

USARSKI, Frank (org). *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002.

_____. *O Budismo e as Outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais*. 1 ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009. 304 p.

_____. *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____, (Org). *O Espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

Recebido e aprovado em 05/11/2010